

II INTERNATIONAL MEETING OF ISSOW

Work, Professions and Organizations: Tensions, Paths and Public Policies

24-25 November 2016 :: Caparica, Portugal - Faculty of Sciences and Technology (FCT NOVA)

Theme 6): Education and Training

Educação rural em Porto Velho/Ro: experiências de professores e alunos

Nobre, Renata da Silva.

nobre.renata@hotmail.com

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Resumo

O presente trabalho apresenta aspectos da educação rural no município de Porto Velho, estado de Rondônia/Brasil, pela ótica de professores da rede municipal e particular. Tem como intuito ressaltar a necessidade de políticas públicas efetivas que atendam as necessidades daqueles que trabalham e se formam nos espaços educacionais, principalmente, nos espaços localizados nas áreas rurais brasileiras. O lócus da pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré e o Colégio Einstein, localizadas a 120 quilômetros da cidade, mais especificamente no distrito de Nova Mutum Paraná. A metodologia adotada tem como fio condutor a História Oral, com uso de entrevistas realizadas com professoras, protagonistas das escolas rurais em foco. O referencial teórico pautar-se-á em dois documentos oficiais: A Constituição Federal do Brasil (1988) e o Plano Nacional de Educação (2014), além da contribuição do teórico Moacyr Gadotti (2013). Constata-se que 80% dos profissionais que atuam na escola rural advém da zona urbana e a partir do depoimento dos sujeitos é possível conhecermos as reais condições da escola, as dificuldades enfrentadas para deslocamento, as experiências vivenciadas no transcurso e as dificuldades enfrentadas no aprendizado dos conhecimentos científicos. Esta pesquisa contribuirá para conhecermos aspectos da realidade de uma escola rural do estado de Rondônia e para aventarmos possibilidades para implementação de políticas condizentes com o contexto.

Palavras chave: Educação rural. Relatos. Experiências de professores.

Introdução

A pesquisa que norteou o seguinte artigo foi realizada no distrito de Nova Mutum Paraná, pertencente ao município de Porto Velho, Rondônia. Visando conhecer melhor sobre a realidade das escolas rurais do município, buscaram-se entrevistar pessoas chaves nessa pesquisa, as professoras. Além disso, foram escolhidos dois locais para serem os eixos divisórios, uma escola pública e uma particular, locais onde as professoras entrevistadas atuam.

Das entrevistas surgiram algumas análises que serão expostas nesse artigo, embora, o material coletado seja muito rico em informações, ressaltam-se as motivações, algumas dificuldades no percurso de casa até o trabalho, as dificuldades de lecionar em um outro distrito e ideias das próprias professoras de políticas públicas condizentes com o contexto em que elas estão inseridas.

A realidade sob o olhar das professoras

As escolas rurais no Brasil são caracterizadas por estarem localizadas bem afastadas dos centros urbanos, por muitas vezes, ao falar de “Rural”, lembramos de campo, estruturas precárias e localizações longínquas. De fato, essas são características que fazem parte da realidade dos professores e alunos do lócus da pesquisa, mas existe outra realidade, as escolas encontram-se dentro de uma vila pré-construída, que foi entregue à população como obra de compensação pelos danos causados por uma usina hidrelétrica que foi instalada na região. Com isso, a “Vila de Mutum Paraná”, passou a ser chamada de “Nova Mutum Paraná” e recebeu cerca de 120 famílias remanejadas e milhares de trabalhadores da usina, de diversas partes do planeta, com isso, a diversidade cultural passou a ser refletida dentro de sala de aula. A comunidade conta com a estrutura de três escolas, duas são públicas e uma particular. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Nazaré, como o próprio nome já diz, pertence ao município e é de responsabilidade dele, o Colégio Einstein, é uma estrutura particular. Ambos possuem características muito parecidas, como: Professoras que se deslocam de Porto Velho para o distrito, diariamente, suas estruturas fazem parte do processo de compensação e os alunos fazem parte do grupo dos “filhos dos funcionários” e “filhos dos remanejados”. E a partir dos relatos de experiências de seis professoras, podemos construir um olhar sobre as dificuldades e as positivities de ser profissional da educação em um local distante.

O percurso entre Porto Velho e Nova Mutum Paraná dura, aproximadamente, 1 hora e 20 minutos, o Colégio Einstein, disponibiliza para seus funcionários uma van que sai de Porto Velho as 5:30 horas da manhã todos os dias, os funcionários da EMEF. Nazaré, que residem em Porto Velho, contam com o transporte de um ônibus escolar, que também transporta alunos que residem no trecho entre Porto Velho e Nova Mutum Paraná, na Br. 364. Por ser um caminho longo entre o local de partida e a escola, as condições de clima, estrada e mecânicos interferem no êxito de cada uma das viagens diárias realizadas pelas seis professoras entrevistadas para essa pesquisa. Situações como, *“Diversas vezes tivemos que parar no canto da estrada porque o ônibus não tem ar-condicionado e a chuva embaça tudo. O motorista não consegue ver a estrada e nós ficamos com medo e obrigamos ele a parar. Por ele, ele chega logo onde tem que chegar e vai dormir, mas nós temos que chegar e trabalhar, no final do dia, queremos voltar para Porto Velho, nossa casa, nosso lar”*, diz Profª Viviane. *“Já furou pneu na estrada, a van*

parou de funcionar por causa de bateria e até atropelamos tatu, cobras e vários bichos que atravessam todo dia a estrada” Profª Angelita, ajudam a imaginar como é o dia a dia desse grupo de mulheres. A motivação delas é muito particular, cada uma olha para todo o esforço de sair de suas casas e viajar 120km, porque é uma viagem, de uma maneira: “Não é fácil sair de casa as 4:30hrs da manhã para ir trabalhar, mas eu só faço isso porque eu amo a minha profissão. Me perguntam: O salário compensa? Compensa agora, por enquanto, não tenho filhos, mas quando eu tiver, não vou mais me arriscar tanto. É longe, é demorado, mas é gratificante também, não vou só reclamar.” Profª Ana. “Eu aceitei trabalhar lá, porque meu marido trabalha na usina e eu posso voltar com ele todo dia. Ele também volta de ônibus, mas no ônibus da empresa terceirizada da usina, e eu pego uma carona” Profª Angelita. “Eu gosto de ver o aprendizado desses meninos do Einstein, eles não conhecem nada sobre o Brasil e eu vejo que tudo é novidade. É motivador! Isso me faz acordar as 5horas da manhã todo dia e estar aqui.” Profª Juliana. “Eu não sou formada na área da educação, mas me considero uma professora, porque a vida me proporcionou essa oportunidade. Eu quero me fazer pedagogia, letras e ser especialista na área”. Profª Erotides. Usando a ultima fala como eixo, Moacyr Gadotti diz “A qualidade do ensino depende muito da qualidade do professor”, mas, de que tipo de qualidade estamos falando?. Se a qualidade que estamos falando é a do ensino e aprendizado do aluno, é necessário que o aluno esteja informado disso, que ele se sinta protagonista e parte das mudanças que serão necessárias para alcançar o nível de qualidade que se espera. Na realidade das duas escolas da pesquisa, observamos que o nível de qualidade é bem diferenciado.

“O processo de formação dos estudantes, em ambas as escolas é complexo, pois, no Colégio Einstein, os alunos “filhos dos remanejados” recebem bolsas de estudos, uniformes, material escolar, livros, mas em casa não possuem acompanhamento dos pais. Em período de prova os meninos não estão preparados, não fazem as atividades, faltam muito por conta do trabalho na roça, como é o caso de alguns, faltam porque não são estimulados em casa ” Profª Juliana.

Segundo, a Constituição Federal de 1988 no seu Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho – dessa forma, observa-se pela fala da professora que os alunos não recebendo acompanhamento familiar estão sofrendo uma ação inconstitucional, mas olhando pelo ponto de

vista de que os familiares deles não tiveram acesso a uma educação de qualidade por conta da distancia que vivem do município de Porto Velho, conseguimos perceber a necessidade de estratégias de ensino mais intensificadas e direcionadas para essas situações.

Ainda dentro da realidade do Colégio Einstein encontramos uma situação ainda mais curiosa na fala da Profª Angelita, *“Mas as dificuldades de aprendizados não são apenas dos “filhos dos remanejados”, os “filhos dos funcionários”, dependendo da região do país que eles vieram, tem que ser “retardados”. Ficam esperando os outros chegarem no nível de aprendizado deles, porque eles chegam de escolas que eram mais exigentes e aqui tem que ser bem devagar para que todos tenham um nível de aprendizado parecido”*. Nesse caso, pode-se usar a LDB da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que propõe, no artigo 28:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL/MEC, LDB 9.394/96, art. 28).

O material didático, tanto da Escola Nazaré quanto do Colégio Einstein, não se adéquam as realidades dos locais que são aplicados. Com isso, as professoras, tem que usar a imaginação e a criatividade para passar os conteúdos. *“Temos o livro de história, que mostra algumas imagens de museus famosos no mundo, mas na minha turma alguns nunca haviam ouvido falar em museu. Como eu ia explicar isso? Tive que comparar com a biblioteca. Pelo menos, a biblioteca da escola eles conhecem e sabem como funciona.”* ProfªJuliana. *“Mesmo pedindo para a Secretaria de Educação do Município procurar opções que sejam mais próximas da nossa realidade, não existe. Os livros que nos mandam para escolher são fabricados na região sudeste do país, a linguagem vem toda de lá. Parece que só existe o nordeste, sul e sudeste. Eu confesso, evito de usar o livro como base. Procuo tudo em casa e vou montando minha aula com o que eu consigo na internet”*ProfªKatiane. Embora, a tentativa da professora Katiane seja de melhorar a

qualidade de suas aulas e a aprendizagem de seus alunos, observa-se que a estrutura da escola conta muito. A escola municipal fica esperando por recurso que chegam de Porto Velho, muitas vezes são recursos que não chegam em grande quantidade.

A escola particular, por mais que possua uma estrutura física um pouco melhor, não possui acesso a internet, por conta da distância da localidade, dificultando a integração do seu público assistido com as atualidades do mundo.

“[...] escola: ela deve oferecer as condições materiais, físicas, pedagógicas e humanas para criar um ambiente propício à aprendizagem. No ambiente oferecido a alunos e professores de hoje, em muitas escolas, eu me pergunto como eles podem aprender alguma coisa. Os professores são competentes; faltam-lhes as condições de ensinar. A escola deve oferecer ao professor formação continuada da sua equipe, principalmente para refletir sobre a sua prática” GADOTTI, 2013.

Se há indignação nas escolas das zonas urbanas das cidades, imagine nas escolas das zonas rurais. Para amenizar as dificuldades dos professores que atuam nas zonas rurais e dos alunos que estudam nesses ambientes, algumas medidas são adotadas nas escolas pesquisadas, por exemplo, no Colégio Einstein existe o projeto “Integral”, no qual existem aulas de reforço e atividades extra-classe para aqueles alunos que sentem necessidade de ficar um pouco mais na escola ou que os pais não podem busca-los nos horários normais, por ser uma escola particular, isso aumentar o valor da mensalidade em pelo menos 50%. Já na escola municipal, não existe esse tipo de projeto, mas as crianças que não podem ir embora no horário normal, podem ficar na escola até o ultimo turno, desde que os pais estejam cientes.

De tudo, a maior mudança que poderia ocorrer é a valorização do ambiente que as professoras atuam. Existem leis que garantem a qualidade e adequação do ensino para a situação histórico e social que se encontram, mas nada mudará enquanto houver um sistema que não permite um olhar mais humano sobre as realidades. A educação no país tem que deixar de ser a solução para o futuro, tem que ser o presente. Os profissionais devem amar mais, os alunos devem respeitar mais e assim, ficará mais fácil de ensinar e aprender, pois, tudo será um partilhar.

Conclusão

Contudo, conhecer um pouco da realidade de escola rural, sob o ponto de vista de professores, qualifica ainda mais a pesquisa. Pois, as melhorias serão pensadas por parte integrante daqueles que serão beneficiados. Conhecer e discutir essas realidades, melhora no entendimento e é capaz de despertar alguma olhar dos governantes sobre a necessidade de se olhar para as escolas rurais como parte importante da história da educação brasileira, fazendo com que as suas particularidades sejam respeitadas, mas não segregadas, pois a segregação não soma, só separa, só divide e o objetivo do ambiente escolar é somar.

As realidades analisadas e as profissionais entrevistadas mostraram que não é o fato de ser publica ou particular que vai fazer com que a motivação do professor seja maior ou menor, o que vai contar é a vontade do mesmo de estar ali, a paixão por seu trabalho, a vontade de compartilhar seu conhecimento e de adquirir conhecimento.

Dificuldades existem e sempre existiram, mas a força de vontade de cada profissional tem feito a diferença na vida das escolas rurais do município de Porto Velho.

Bibliografia

Brasil. Constituição, 1988. Constituição Federal, São Paulo: Lex, 1988.

. _____. Lei nº. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

Gadotti, Moacir, 2013. Qualidade na educação: uma nova abordagem. COEB 2013. Florianópolis.